

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIA DE DUAS ARRECADAS DE OURO ANTIGAS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Notícia de duas arrecadas de ouro antigas. *Revista de Guimarães*, 66 (3-4) Jul.-Dez. 1956, p. 449-462.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Notícia de duas arrecadas de ouro antigas (*)

POR MÁRIO CARDOZO

Director do Museu da «Martins Sarmento»

Como singelo contributo que resolvemos dar ao «Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», apresentamos a esta Sessão de trabalhos a Notícia de duas novas jóias arcaicas inéditas de que tivemos conhecimento, aparecidas no nosso país, e muito valiosas sob o ponto de vista etnográfico, arqueológico e artístico. Em face de uma legislação que por vezes se revela insuficiente para defender os interesses da investigação científica, estes dois objectos encontram-se ainda na posse de particulares, e não em qualquer museu público como propriedade do Estado, à disposição dos estudiosos, conforme seria para desejar.

Trata-se de duas interessantíssimas arrecadas de ouro (Figs. 1 e 2). Uma foi encontrada, em Abril do ano findo, no centro do país, em plena Beira-Baixa, junto do Castelo de Monsanto da Beira, no planalto de Castelo Branco, região da antiga *Civitas Igaeditanorum*, (1) à qual correspondem hoje as terras da actual Idanha-a-Velha, localidade de remotas tradições e fecunda em achados arqueológicos; a outra arrecada sabe-se que é procedente da Estremadura, porém de local indeterminado, das ime-

(*) Comunicação apresentada ao XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, Junho de 1956).

(1) Sobre o nome provável da capital dos *Igaeditani*, vide Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, 32, e D. Fernando de Almeida, *Egitânia*, Lisboa, 1956, p. 37.

dições da Golegã, tendo sido descoberta há bastantes anos, sem contudo podermos hoje precisar quando. A primeira pertence actualmente a um proprietário residente em Escalos de Baixo, freguesia situada a uns 15 quilómetros de Idanha-a-Velha, tendo-nos sido obsequiosamente facultada a sua análise por intermédio do Sr. Tenente-Coronel António Elias Garcia, prestigioso Numismata e Director do Museu Regional de «Tavares Proença», em Castelo Branco. Da arrecada aparecida na Golegã desconhecemos o paradeiro actual, pois só dela tomamos conhecimento por uma fotografia que em 1947 nos ofereceu o falecido escritor e crítico de Arte, Luís Keil, acompanhada de uma carta com escassas informações acerca da procedência desta peça, na qual nos declarava tê-la visto e fotografado anos antes, da mão de seu amigo Gil Correia de Queiroz Castelo Branco, Conde da Foz, falecido em 1944 (1).

Já no inventário das *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*, (2) que há 26 anos publicamos, hoje muito incompleto (e, mesmo então, bastante deficiente pela falta de informações bibliográficas com que deparámos e obstáculos que se nos opuseram ao exame de vários exemplares), relacionámos alguns colares e fibulas também procedentes de Monsanto da Beira, essa curiosíssima povoação rural, que, em 1938, num concurso aberto pelo Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, foi proclamada «a aldeia mais portuguesa de Portugal». Algumas dessas jóias haviam sido encontradas, tal como sucedeu com uma destas arrecadas de que nos estamos ocupando, em esconderijos próximos das muralhas do velho castelo medieval deste rústico povoado, erguido no monte onde primitivamente existiu um castro pré-romano (Fig. 3).

(1) Era o 3.º Conde da Foz, filho do 1.º Marquês da Foz, proprietário do esplêndido palacete da Praça dos Restauradores, em Lisboa, onde actualmente está instalado o Secretariado Nacional de Informação.

(2) Mário Cardozo, *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*, Corunha, 1930.

Noutras localidades desta mesma região igeditana, como, por exemplo, em Penamacor e Montforte, igualmente se têm dado diversos e importantes achados arqueológicos (1). A característica aldeia de Monsanto da Beira tem assim facultado, tanto a simples turistas como aos estudiosos, interessantes aspectos históricos, etnográficos e arqueológicos. A forte posição orográfica (cota 758), outrora ocupada pelo velho castro lusitano, dizem que foi teatro de memoráveis façanhas, segundo reza uma antiga e por certo fantasiosa lenda, que atribui aos seus corajosos defensores uma heroica resistência, tenazmente sustentada durante sete longos anos contra um apertado cerco das legiões romanas.

Encontram-se no Museu Regional de Castelo Branco algumas das referidas jóias achadas neste castro. Leite de Vasconcelos mencionou, n-*O Archeologo Português* (2), 8 xorcas ou colares, de prata, e várias fíbulas do mesmo metal, parte das quais contêm ornatos zoomórficos, que as relacionam tipologicamente com as conhecidas fíbulas zoomórficas ibéricas (Fig. 4). Nesses mesmos complexos arqueológicos apareceram diversos denários da República Romana. E aludiu ainda o Dr. Leite de Vasconcelos a um colar de ouro, que o seu inconsciente achador havia barbaramente partido e vendido em parcelas (3).

Ora todas estas jóias antigas ali aparecidas acusam uma origem e uma tradição nitidamente antero-mana, embora o seu uso se prolongasse inquestionavelmente através do período da ocupação romana, como aliás o comprova, quanto aos primeiros séculos

(1) Vide Santos Rocha, «Tesouro funerário da Lameira Larga», in *O Archeologo Português*, XIV, 44; Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, 397-nota 3, e 484-487; C. L. «Aquisições do Museu Etnológico Português», in *O Archeologo Português*, XVIII, 161.

(2) L. de Vasconcelos, «Jóias de prata do Museu de Castelo Branco», in *O Archeologo Português*, XXIV, 102-ss.

(3) L. de Vasconcelos, «Pela Beira», in *O Archeologo Português*, XXII, 341.

dessa ocupação, o achado de moedas da República juntamente com estas peças de adorno pessoal. Têm portanto os colares e fibulas de Monsanto, bem como a nova arrecada de ouro de ali procedente, uma remota ascendência lusitana, sendo talvez lícito considerar estes objectos como fabricados por aurífices e prateiros locais, e, nesse caso, como produtos de uma indústria joalheira pertencente à cultura regional dos *Igaeditani*, tribo perfeitamente localizada na região, e seguramente identificada através de muitos testemunhos arqueológicos, especialmente por numerosas lápides com inscrições (1). Acresce a circunstância de, nesta zona fronteiriça, de Rosmanihal, Idanha, Penamacor, Monfortinho, etc., terem sido notados, desde há muito, junto às aluviões do Rio Erges indícios de antigas minerações do ouro.

A arrecada de Monsanto da Beira, tal como a da Golegã, embora denunciem um marcado cunho de originalidade, que de certo modo as individualiza e distingue de outras peças do mesmo uso até agora conhecidas, não apresentam, mesmo assim, características especiais tão profundas que as diferenciem e afastem inteiramente da tipologia geral da série de arrecadas hispânicas do Noroeste da Península, aparecidas no território da velha *Gallaecia*, ou seja na zona que, para norte do Douro, se estende até o Atlântico e o mar Catábrico.

É bem natural que outras arrecadas existam ainda, completamente desconhecidas dos estudiosos, especialmente na mão de particulares, tanto em Portugal como em Espanha. Também no precioso tesouro do Museu Etnológico de Lisboa se encontram diferentes exemplares, alguns deles muito belos, ainda inteiramente inéditos, aguardando publicação. Recordemos porém que as arrecadas publicadas e inventariadas até a presente data, correspondentes

(1) L. de Vasconcelos, «Cultos luso-romanos em Igeditânia», in *O Archeologo Português*, I, 225 ss.; Félix Alves Pereira, «Ruínas de ruínas ou Estudos Igeditanos», in *O Archeologo Português*, XIV, 169 ss.; D. Fernando de Almeida, *Egitânia*, cit.

a nove achados diversos, se distribuem pelas seguintes localidades do norte de Portugal e da Galiza:

EM PORTUGAL

- Um par de Laundos, Póvoa de Varzim. No Museu «Soares dos Reis», Porto. (Fig. 5 — n.º 1).
- Um par de Estela, Póvoa de Varzim. No Museu «Soares dos Reis», Porto. (Fig. 5 — n.º 2).
- Um par da Citânia de Briteiros, Guimarães. No Museu de «Martins Sarmento», Guimarães. (Fig. 6).

Peças isoladas:

- Uma de Afife, Viana do Castelo. No Museu Etnológico, Lisboa. (Fig. 5 — n.º 3).
- Uma de S. Martinho de Anta, Sabrosa, Vila Real. Propriedade de José Maximino Correia de Barros. (Fig. 7).
- Uma de procedência desconhecida. No Museu Etnológico de Lisboa (1). (Fig. 8).

NA GALIZA

- Um par do Castro de Masma, Mondoñedo, que pertenceu à colecção de Villaamil y Castro. (Fig. 9 — n.º 3).

Peças isoladas:

- Uma de Vilar de Santos, região do Alto Lima, propriedade do pároco dessa freguesia, D. Marcelino Freiria. (Fig. 9 — n.º 1).
- Uma do Castro de Cardedo, Irixo, propriedade de D. Bernardino Gonzalez (Fig. 9 — n.º 2).

Total — 13 peças, oito das quais em museus públicos e cinco em colecções particulares. Entre estes exemplares, todos eles já publicados, não incluímos o par encontrado na Gruta da Ermegeira (Torres

(1) Segundo informação dada por Ricardo Severo na Revista *Portugalia* (II, 406), tanto esta arrecada, que primitivamente se encontrava na mão de um ourives do Porto, bem como a proveniente de Afife, foram compradas ao falecido antiquário de Viana do Castelo, Serafim Neves, pelo Dr. Leite de Vasconcelos, com destino ao Museu Etnológico, onde actualmente se encontram.

Vedras), existente no tesouro do Museu Etnológico e dado a conhecer em 1942 pelo Prof. Dr. Manuel Heleno (1), porque, não só pela forma destes brincos e sua técnica de execução, em singela folha de ouro batida, como pela sua remota cronologia (período eneolítico), sendo por certo umas das mais antigas jóias até hoje aparecidas em Portugal (Fig. 10), — afastam-se por completo da classe de arrecadas de que nos estamos ocupando, pertencentes à Idade do Ferro.

Ao número total de arrecadas inventariadas no Noroeste da Península temos, portanto, de acrescentar agora os dois novos exemplares portugueses inéditos, não procedentes do norte do país, mas da região central: — a arrecada de Monsanto da Beira e a da Golegã, esta última de concepção artística inteiramente semelhante à da que apareceu em Monsanto, e que portanto podemos considerar um espécime da mesma indústria joalheira da cultura igeitana, que, por sua vez, parece acusar nítidas influências mediterrâneas. Essas influências são aliás inteiramente naturais pois toda a zona do vale inferior do Tejo constituiu, como é conhecido, desde remotíssimos tempos, uma linha de penetração comercial da navegação costeira atlântica. Não admira pois que os divulgadores das velhas culturas mediterrâneas, que estabeleceram suas colónias e feitorias na costa sul e oriental da Península, encontrassem aqui, entrando no estuário do Tejo, e subindo a parte navegável do seu curso inferior, um fácil acesso e contacto com as populações indígenas do *hinterland*. Plena confirmação deste tráfego encontramos na *Geografia* de Estrabão, que nos diz: «O Tejo tem na sua boca uma largura de 20 estádios (=3,700) e grande profundidade, de modo que se pode subir com barcos de 10.000 talentos (=260 toneladas)». «Este rio (*continua Estrabão*) forma dois esteiros nas planícies do interior, por ocasião da maré alta, inundando espaços de terreno de uns 150 estádios (cerca de 26 qui-

(1) Manuel Heleno, «Gruta artificial da Ermegeira», in Rev. *Ethnos*, Lisboa, 1942, II, 457, e Est. II, figs. 6 e 7.

lómetros), que se tornam assim perfeitamente navegáveis». E, em seguida, informa que o Tejo era acessível às grandes naveas até muito acima de *Moron*, antiga cidade, ainda por identificar, que o iberólogo Prof. Dr. Adolfo Schulten supõe estivesse situada a sul do Castelo de Almourol, pois o escritor grego diz que ela distava uns 500 estádios do oceano; e que, daí por diante, se podia continuar a subir o rio em barcos fluviais (1).

A maioria das arrecadas aparecidas no Ocidente da Península, designadamente no centro e norte de Portugal e Galiza, obedecem, morfológica e técnica-mente, a um cânone comum: são formadas por dois elementos essenciais, a saber,— uma *parte superior* cujas faces planas constituem como que a secção de uma zona circular (arrecadas de Laundos, Estela e Afife) (Fig. 5), ou afectam a forma aproximada de uma lúnula (arrecadas de Vilar de Santos, Irixo, S. Martinho de Anta, Monsanto e Golegã) (Figs. 1, 2, 7, e 9-n.ºs 1 e 2); e uma *parte inferior*, ligada à primeira, apresentando um contorno mais ou menos triangular.

Afastam-se deste modelo os exemplares de Briteiros (Fig. 6), o adquirido em Viana para o Museu Etnológico (2) (Fig. 8), e os de Masma (3) (Fig. 9-n.º 3). O tipo das arrecadas de Briteiros é

(1) Estrabão, *Geografia*, III, 3, 1. A localização de *Moron* continua a ser um problema à espera de solução. Partindo das informações estrabonianas, vários investigadores o têm procurado resolver: Garcia y Bellido, Mendes Corrêa, Vergílio Correia, Costa Veiga, e, recentemente, José Barata. Vejam-se os criteriosos argumentos apresentados pelo Prof. Dr. Bairrão Oleiro, numa análise crítica a todas as hipóteses formuladas pelos citados investigadores (*Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, Coimbra, 1955, fasc. 10-11, pág. 118 e ss.).

(2) Vide L. de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, 431, fig. 219, e 435 — nota 3. Florentino L. Cuevillas, *Las joyas castreñas*, Madrid, 1951, pág. 75 e 76, fig. 52.

(3) José Vilaamil y Castro, «Adornos de oro encontrados en Galicia», in *Museo Español de Antigüedades*, III, Láminas 1, 2, 4 e 5; Idem, «Productos de la metalurgia gallega en tiempos remotos», in *Boletín de la Comisión provincial de monu-*

completamente original e sem paralelos entre nós; os exemplares de Viana e de Masma (Figs. 8 e 9-n.º 3), de contornos semelhantes, têm também a forma geral de um crescente lunar, mas falta-lhes inferiormente a parte triangular, que, mesmo assim, no exemplar de Viana, aparece embrionariamente, formando um pequeno apêndice. Este género de arrecadas tem talvez os seus mais remotos protótipos em certos exemplares da Palestina e da Pérsia, o primeiro datado de meados do 2.º milénio a. C., e o segundo do séc. VI-V a. C., existente no Museu do Louvre; e ainda num exemplar etrusco, do séc. VII a. C., encontrado em Canino (Itália), e noutro, céltico, do séc. V-IV a. C., procedente de Suippes, no Departamento de Sena-e-Marne, guardado no Museu de Saint-Germain (1).

A parte triangular inferior das arrecadas é, em quase todos os exemplares, coberta de esferazinhas soldadas, muito pequenas (exemplares de Estela, Laundos, Afife, Irixe e Vilar de Santos) (Figs. 5 e 9-n.ºs 1, 2), outras mais volumosas (arrecada de S. Martinho de Anta) (Fig. 7), fazendo lembrar certo tipo de brincos romanos, em forma de «cacho de uvas» (2), decoração esta que aliás tem uma

mentos históricos y artísticos de Orense, 1907, III, n.º 54, Lam. entre págs. 98-99. Ricardo Severo, «As arrecadas d'ouro do Castro de Laundos», in *Portugalia*, II, 408, fig. 5. Mário Cardozo, *Jóias arcaicas*, cit., pág. 29 da separata da Rev. *Nós*, Corunha, 1930.

O ilustre investigador galego D. Florentino Lopez Cuevillas, no seu livro *Las Joyas Castreñas*, incluiu, na pág. 89, estas arrecadas no capítulo das «jóias de uso indeterminado», peças estas que aliás de há muito têm sido classificadas como autênticas arrecadas pelos autores acima citados, e que ele próprio, a pág. 30 do mesmo livro, diz «se calificaron de pendientes». Parece, contudo, não haver dúvidas sobre o uso desses exemplares de arrecadas, por sinal de um tipo muito semelhante a uma outra de origem céltica, procedente de Suippes, existente no Museu de Saint-Germain. (Vide indicação bibliográfica na nota imediata a esta).

(1) Etienne Coche de La Ferté, *Les bijoux antiques*, Paris, 1956, Pl. V, n.º 1 a 4.

(2) A. de Ridder, *Catalogue des bijoux antiques du Musée du Louvre*, Paris, 1924, p. 27 — n.º 317, 318 e Pl. VII, n.º 320 e 321.

tradição muito remota, derivada de um estilo grego arcaico, como se vê, por exemplo, numa arrecada etrusca do séc. IV-III a. C. (1). A parte apendicular inferior não tem, nas arrecadas de Monsanto e da Golegã, uma forma tão nitidamente triangular como a dos exemplares nortenhos, pois apresenta os bordos laterais curvilíneos e é desprovida da ornamentação de pequenas esferas a cobrirem a totalidade da superfície (Fig. 1 e 2).

Outro pormenor decorativo muito interessante e comum a certas arrecadas é o de ostentarem diminutas campânulas hemisféricas, contendo no centro da concavidade das mesmas um apêndice pistiliforme ou pequeno espigão, vasinhos estes aderentes à parte plana circular da jóia (arrecadas de Estela, Afife e Laundos), ou aos seus bordos (Monsanto e Golegã), ou ainda soldados à face da parte lunular e à do sector triangular inferior (Vilar de Santos). Este ornato de tacinhas globulares já aparece também em certas jóias da Idade do Bronze e em peças de joalharia céltica peninsular da Idade do Ferro, podendo citar-se, como exemplares dos mais típicos dessa decoração, a célebre xorca de Sintra (Fig. 11), que se encontra actualmente em Londres, no British Museum (2); o diadema de Ribadeo (Lugo), do Museu Arqueológico Nacional de Madrid (3); as arrecadas que o falecido arqueólogo espanhol Blas Taracena descobriu em Sória, na necrópole céltica de La Mercadera, do século IV a. C. (4); uma arrecada

(1) Étienne C. de La Ferté, *Op. cit.*, Pl. XL, 3.

(2) Vide Salomon Reinach, «The Evora gorget», in *The Antiquaries Journal*, Londres, 1925, V, p. 125, e Pl. XIV, fig. 3. Sobre a extensa bibliografia da xorca de Sintra, vide Mário Cardozo, *Jóias arcaicas cit.*, pág. 34 da separata.

(3) O diadema de Ribadeo (Lugo) possui uma larga bibliografia. Citemos por exemplo: F. Cuevillas, *Las joyas castreñas cit.*, p. 55 e fig. 38; Francisco Alvarez-Ossório, *Tesoros españoles en el Museo Arqueológico Nacional*, Madrid, 1954, p. 47 e Lam. XXIX; A. Garcia y Bellido, *La Dama de Elche*, Madrid, 1943, p. 192; Blas Taracena, *Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional*, Madrid, 1947, p. 56.

(4) Blas Taracena, *Memoria n.º 119 de la Junta Sup. de Escavaciones*, 1932, pág. 23, Lam. X, XVI y XXI. *Idem*, *Carta Arqueológica de España, Soria.*, Madrid, 1941, pág. 97.

da época de Hallstatt, procedente de Les Mousselots, na Côte-d'Or ⁽¹⁾, e ainda outras jóias de procedências e épocas diversas.

A forma de suspensão das arrecadas luso-galicas era feita, em determinados exemplares, por meio de um trancelim do mesmo metal nobre, preso a duas pequenas argolas situadas nas extremidades superiores da jóia (Fig. 5), o qual circundava o pavilhão da orelha (exemplares de Afife, Laundos, Estela, Vilar de Santos, Viana e Golegã). As arrecadas de Britteiros, e talvez as de Masma, prenderiam num orifício praticado na parte inferior do lobo da orelha, tal como ainda hoje é de uso suspender os brincos. As de S. Martinho de Anta e de Monsanto parece que se poderiam suspender por qualquer dos dois processos. Finalmente, na de Irixo não se nota dispositivo algum de suspensão, facto que o arqueólogo Florentino Lopez Cuevillas atribui a estar talvez incompleto o acabamento desta peça ⁽²⁾.

Neste breve estudo comparativo que acabamos de fazer de algumas das arrecadas primitivas do Ocidente da Península, pretendemos apenas salientar, de um modo geral, as semelhanças e diferenças notadas entre os exemplares já conhecidos ⁽³⁾ e as duas arrecadas ainda inéditas, que presentemente damos a conhecer: — a de Monsanto e a sua congénere da Golegã.

(1) J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, Paris, 1927 (2.^a ed.), vol. III, p. 357, fig. 363.

(2) F. Cuevillas, *Las joyas castreñas*, cit., p. 77-78.

(3) A bibliografia das arrecadas antigas do norte de Portugal e da Galiza é, por ordem cronológica das publicações, a seguinte:

Ricardo Severo, «As arrecadas d'ouro do Castro de Laundos», in *Portugalia*, II (1905-1908), 403 ss.

José Fortes, «Ouros proto-históricos de Estela (Póvoa de Varzim)», in *Portugalia*, II (1905-1908), 605 ss.

Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III (1913), pág. 431, fig. 219 e pág. 435-nota 3.

A. Mendes Corrêa, «A Lusitânia pré-romana», in *História de Portugal*, ed. de Barcelos, I, (1928), fig. de pág. 190.

Mário Cardozo, «Jóias arcaicas encontradas em Portugal», in *Rev. Galega Nós*, Corunha, 1930. Idem, «Jóias áureas

Quanto à parte meramente descritiva e à análise da técnica de fabrico destas duas novas peças, apesar de considerarmos bastante elucidativas as gravuras que acompanham este singelo estudo, supomos necessário destacar contudo certos detalhes, pelo menos os que dizem respeito à arrecada de Monsanto, cuja observação minuciosa pudemos efectuar, outro tanto não nos tendo sido possível fazer com respeito à da Golegã, cujo paradeiro ignoramos.

A arrecada de Monsanto (Fig. 1) foi executada pelo aurífice unindo por meio de soldadura quatro partes principais distintas: *a*) um corpo central, *b*) uma parte terminal inferior, *c*) uma ornamentação lateral de pequenas campânulas, e *d*) um dispositivo de suspensão.

O corpo central é formado por uma caixa oca, com o contorno em forma de ferradura, limitada no anverso por um cordão de filigrana, constituído por dois fios torcidos separados por um fio simples; do corpo dessa espécie de ferradura ressaltam uns pequenos botões ou cravos (7 de um lado e 6 do outro) praticados por percussão na face oposta da lâmina; circundado por este ornato em ferradura, destaca-se, ao centro, um pequeno círculo limitado por uma lâmina de 1,5 milímetros de altura, soldada perpendicularmente à superfície a que adere, e rodeada por mais quatro diminutos círculos executados segundo a mesma técnica. No reverso da arrecada, esta caixa central é muito mais simples, salientando-se a parte em ferradura, mas destituída de qualquer ornato, e tendo no meio uma coroa formada por um torso que envolve um mamilo semi-esférico, tudo executado a *repuxado*.

proto-históricas da Citânia de Briteiros», in *Rev. Petrus Nonios*, Lisboa, 1937, I, 254 ss.

Joaquim Lorenzo, «La arrecada posthallstática de Irixe», in *Boletín de la Comisión de Mon. Hist. y Artísticos de Orense*, XIV (1943-1944), 127 ss.

Carlos Teixeira, «El arte de las filigranas en los castros del Miño», in *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Pre-historia*, Madrid, 1944, XIX, 154 ss.; Idem, idem, in *Rev. Minia*, Braga, 1944, pág. 169.

F. Cuevillas, *Las joyas castreñas*, Madrid, 1951, 73 ss.; Idem *La civilización Celta en Galicia*, 1953, 261 ss.

A segunda parte da arrecada, trabalhada separadamente e depois soldada ao corpo central que acabamos de descrever, é formada pelo apêndiculo inferior, constituído também por uma caixa oca de uns 5^{mm} de espessura, que pelo anverso e reverso sobraça a zona em ferradura, mas somente no anverso é ornamentada com fios torcidos; no espaço superior, de forma triangular, vêem-se duas espirais de fio muito fino, com duas esferazinhas no meio e uma na parte superior. Na parte inferior desta caixa, de contorno sub-triangular pois as faces laterais são ligeiramente curvas, encontra-se, no meio, um triângulo invertido com pequenas esferas nos ângulos, e um círculo a seguir ao vértice desse triângulo. Esta ornamentação é delimitada por uma lâminazinha de 1,5^{mm} de altura, tal como no círculo da parte central superior da arrecada. Bem poderiam ter existido cabochões de pedras finas ou de vidros coloridos engastados nestes três espaços vazios, o que não seria improvável, embora até hoje ainda inédito na Península, em peças de joalharia pré-romana. Tal processo decorativo, de esmaltes e pedraria, foi usado com frequência em jóias orientais, especialmente egípcias, de tempos muito mais recuados; e, em época tardia, pelos Romanos, já no final do Império, processo que, posteriormente, na indumentária dos Bárbaros e na arte pré-românica, teve o mais largo emprego (1). A face do reverso desta parte inferior da arrecada acusa grande simplicidade na ornamentação, que é apenas constituída por uma série de 5 linhas paralelas, de pontos e ondulações, alternadamente; e, no extremo, mostra uma circunferência envolvendo um mamilo central, a *repuxado*.

A terceira parte constitutiva da arrecada é formada pela ornamentação lateral, onde vemos quatro apêndices campanulares de cada lado, soldados pelas bases a estreitas lâminas de 2^{mm} de largura, que por sua vez foram soldadas ao corpo da jóia. Estes apêndices ornamentais, a que já atrás fizemos re-

(1) Étienne G. de La Ferté, *Op. cit.*, Pl. XLIII, n.º 1, 2 e 3; Pl. XLV, n.º 1, 2, 3, Pl. XLVI.

ferência, e que em geral afectam a forma semi-esférica, apresentam nesta arrecada de Monsanto a forma de pequenos *vasos campaniformes*, feitos de duas metades soldadas, obtidas por meio de uma punção ou matriz própria, e com duas listas no bojo, uma em meia cana, outra em torso, (Fig. 13).

Finalmente a arrecada apresenta, soldado ao bordo superior, o dispositivo de suspensão constituído por duas hastes de fio, que entrariam no orifício praticado no lobo da orelha, em sentidos opostos, tal como o processo de suspensão da arrecada da Citânia de Briteiros. Lateralmente, aderentes a essas hastes, existem ainda dois pequenos aros, aos quais poderiam ter estado presas as extremidades de uma cadeia, que circundaria o pavilhão da orelha, modo este de suspensão bem evidente nas arrecadas de Laundos, Estela e Afife.

Comparando agora entre si as duas novas arrecadas, a de Monsanto com a da Golegã (Fig. 1 e 2), vemos distintamente a flagrante semelhança nas suas linhas gerais, bem como características comuns que em certos detalhes as afastam dos modelos conhecidos, do norte de Portugal e da Galiza. Na textura geral destas duas jóias procedentes do centro do país, sente-se bem que saíram da mão de artifices de uma escola diferente da dos aurífices do norte, especialmente na concepção morfológica das peças, facto que em pormenor mais se evidencia, se nos reportarmos ao aspecto e ornamentação do apêndice sub-triangular inferior, e ao dispositivo lateral das pequenas taças decorativas, que na jóia de Monsanto constituem autênticos vasinhos campaniformes, fazendo lembrar as anforetas pendentes dos colares que o busto da famosa «Dama de Elche» ostenta (1) (Fig. 12).

Parece-nos também que estas duas arrecadas, pelo seu aspecto um tanto mais rude e arcaico que as do norte, serão mais antigas, podendo talvez datar-se dos primeiros séculos (III-I) anteriores ao

(1) A. Garcia y Bellido, *La Dama de Elche*, Madrid, 1943, pág. 24 e Lam. 1.

começo da nossa era. Como é conhecido, a tradição da nossa velha indústria joalheira abrange, cronologicamente, um extenso período que tem início no Eneolítico ou Bronze-I, e se prolonga até o fim do domínio imperial, atingindo o apogeu do seu florescimento antes de os Romanos intensificarem a exploração das nossas numerosas e produtivas lavras do ouro, especialmente nas regiões a norte do Douro (1). Pode dizer-se que ainda hoje se não extinguiu totalmente a tradição dessa milenária indústria manual, pois nas oficinas de rudes ourivezeiros camponeses das freguesias de Travassos (Póvoa de Lanhoso) e de Gondomar (Porto) continuam a fabricar-se delicadas filigranas que esses artífices trabalham com rara habilidade e arte, nos intervalos do seu pesado labor agrícola (2) (Fig. 14).

Resta-nos, para encerrar esta nossa modesta comunicação, indicar as características materiais das duas novas arrecadas que acabamos de dar a conhecer. A de Monsanto da Beira tem a largura máxima de 43.^{mm}, a altura de 53.^{mm} e o peso de 11,695 gr. Não nos foi possível verificar com exactidão a pureza do ouro, mas parece ser de toque bastante elevado, à volta de uns 900 milésimos. Quanto à da Golegã apenas soubemos, em 1947, pela carta de Luís Keil a que atrás fizemos referência, que o Conde da Foz lhe havia levado em tempos essa arrecada, para o consultar sobre o seu valor e antiguidade; e que nessa ocasião a fotografara, medira e pesara, aproximadamente. Enviou-nos então os seguintes dados: altura da peça, 53.^{mm}; peso, uns 10 a 15 gramas. Vê-se, portanto, que a arrecada de Monsanto e a da Golegã, além da sua flagrante semelhança morfológica, acusam também medidas e pesos idênticos.

(1) Mário Cardozo, «A propósito da lavra do ouro na Província de Trás-os-Montes durante a época romana», in *Revista de Guimarães* (1954), LXIV, 113 ss.; J. Silva Carvalho e O. da Veiga Ferreira, «Algumas lavras auríferas romanas», in *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, Porto, 1954.

(2) Vide Rocha Peixoto, «As filigranas», in *Portugalia*, II, 540 ss.; Carlos Teixeira, «El arte de las filigranas», cit.; Luís Chaves, *As filigranas*, Ed. SPN, Lisboa, 1942.

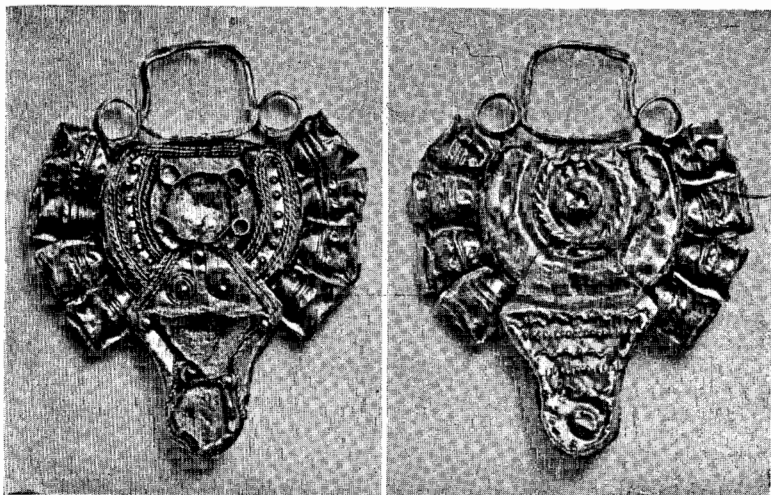


Fig. 1 — Arrecada de ouro (anverso e reverso) aparecida junto do Castelo de Monsanto da Beira. (Tamanho nat.)

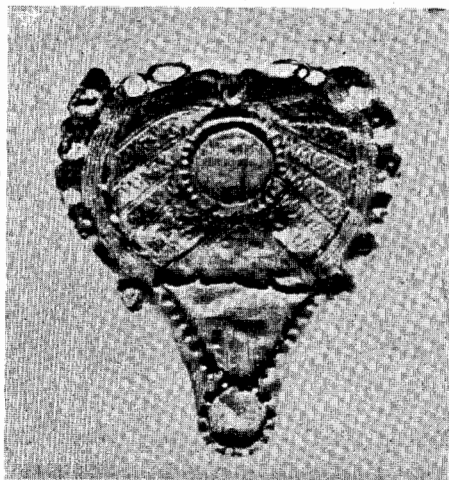


Fig. 2 — Arrecada de ouro aparecida nas imediações da Golegã. (Tamanho nat.)

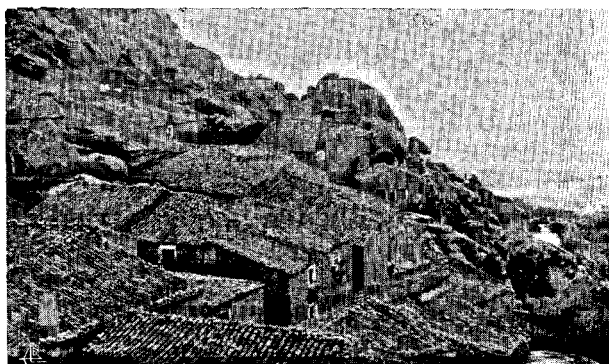
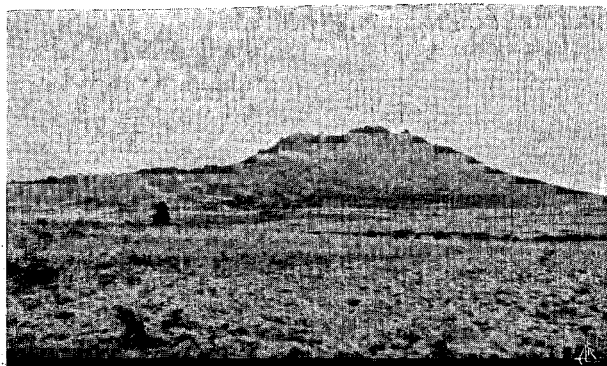


Fig. 3—*Três aspectos de Monsanto da Beira: 1) O monte onde assenta a aldeia; 2) Ruínas do castelo medieval; 3) Um trecho da povoação, alcandorada na encosta do monte.*

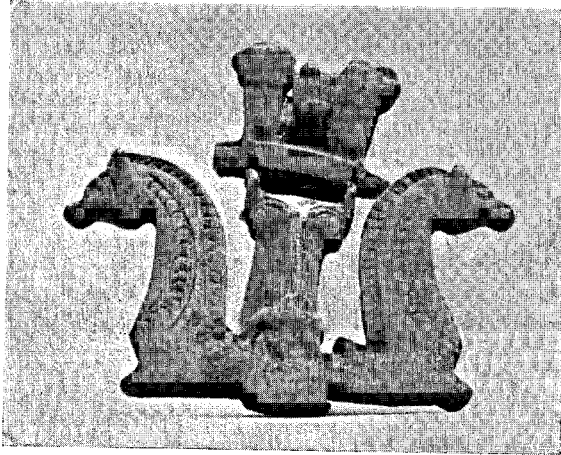


Fig. 4 — Fibula zoomórfica, de prata, com três prótomos de cavalo, aparecida em Monsanto da Beira (vista de frente). (Museu Regional de Castelo Branco).

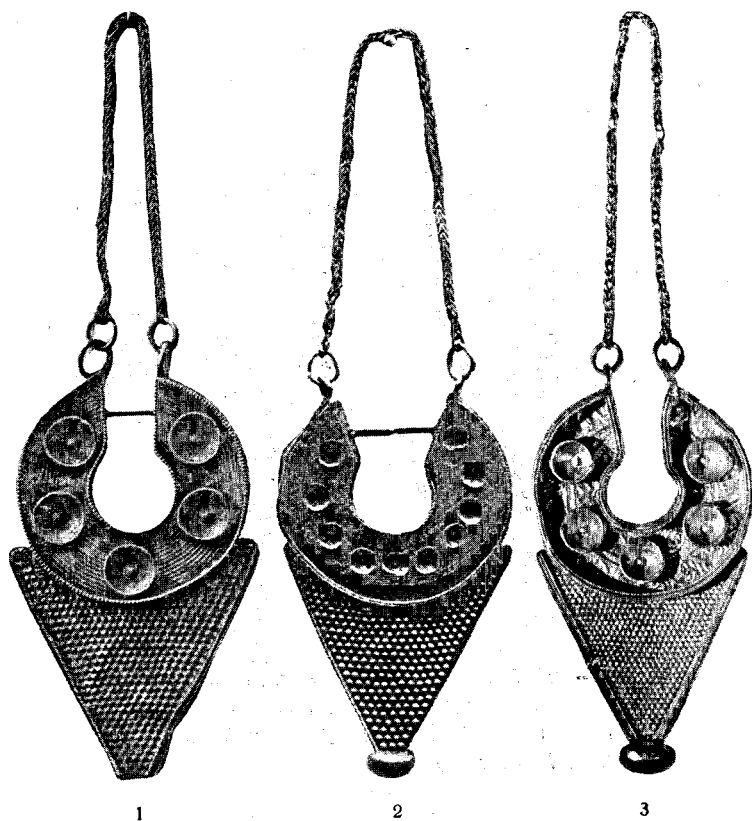


Fig. 5 — Três arrecadas de ouro, que poderiam ter saído da oficina do mesmo ourfice:

- 1) Procedente de Laundos, Póvoa de Varzim. No Museu de « Soares dos Reis », Porto.
- 2) Procedente de Estela, Póvoa de Varzim. No Museu de « Soares dos Reis », Porto.
- 3) Procedente de Afife, Viana do Castelo. No Museu Etnológico de Lisboa.

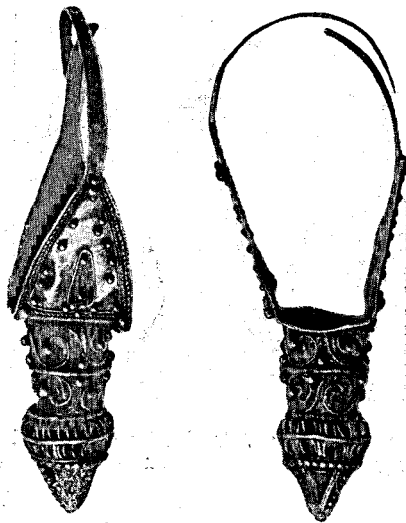


Fig. 6—*Arrecada da Citânia de Briteiros (de frente e de perfil). No Museu de «Martins Sarmento», Guimarães.*

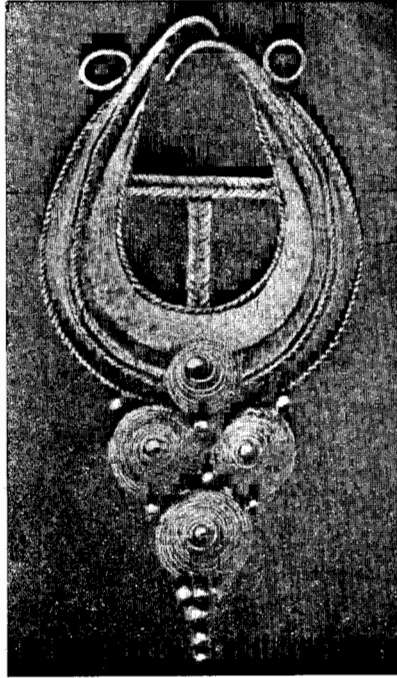


Fig. 7 — *Arrecada de ouro, de S. Martinho de Anta, Sabrosa, Vila Real. Propriedade de José Maximino Correia de Barros.*

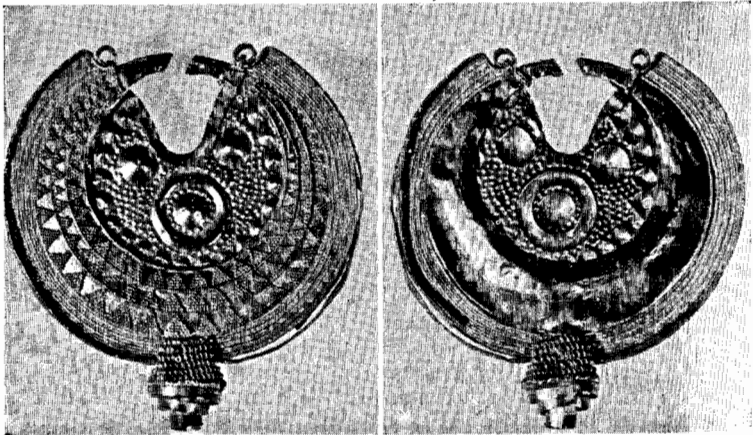
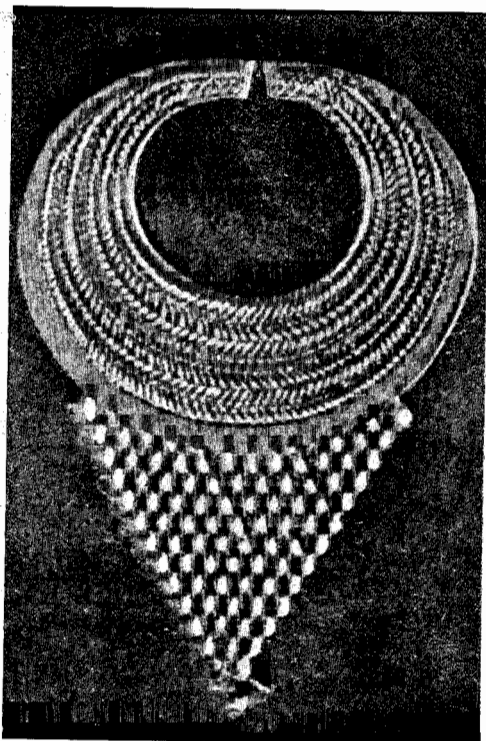


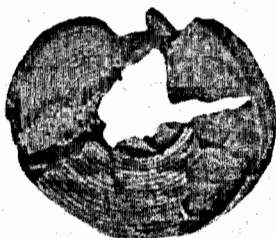
Fig. 8 — *Arrecada (anverso e reverso) de procedência desconhecida, adquirida pelo falecido antiquário de Viana do Castelo, Serafim Neves. No Museu Etnológico de Lisboa.*



1



2



3

Fig. 9 — *Arrecadas de ouro espanholas, de procedência galega:*

- 1) *Aparecida em Vilar de Santos. Propriedade de C. Marcelino Freiria, pároco da freguesia.*
- 2) *Aparecida no Castro de Cardedo (Irixo). Propriedade de D. Bernardino Gonzalez (ampliada ao triplo do tam, nat.).*
- 3) *Aparecida no Castro de Masma (Mondoñedo). Colecção de Villamil y Castro.*

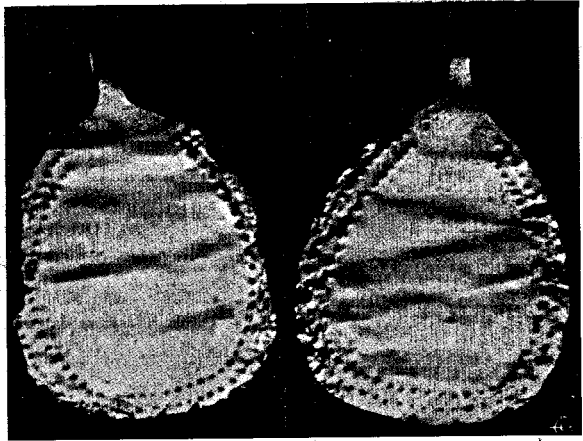


Fig. 10 — Arrecadas da Gruta da Ermegeira, Torres Vedras. (Museu Etnológico de Lisboa).

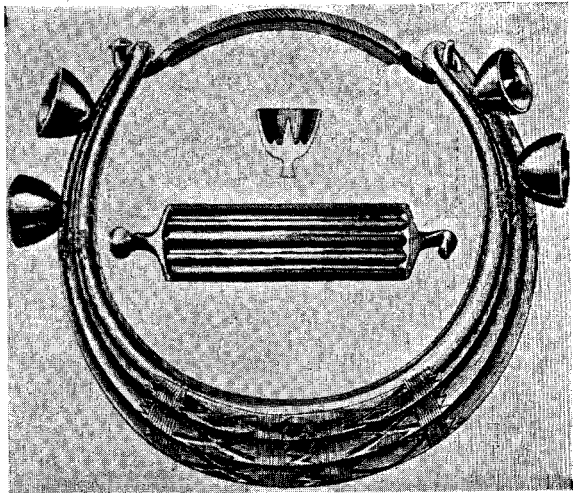


Fig. 11 — Colar de ouro da Idade do Bronze, apre-
cido em Sintra, com ornamentação de apê-
ndculos campanulares. (No Museu Britânico,
de Londres).

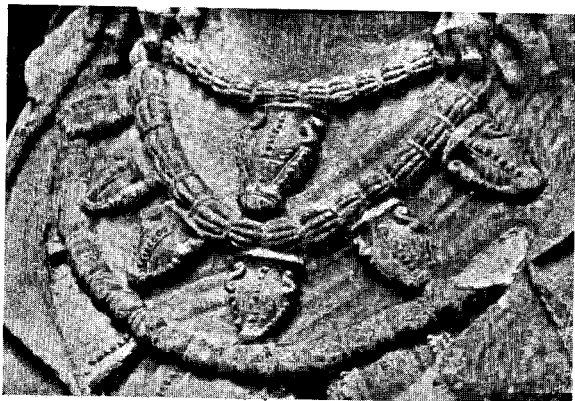


Fig. 12 — *Representação de um colar com pequenos vasos pendentes, no busto da famosa escultura ibérica denominada «Dama de Elche». (Museu Arqueológico Nacional de Madrid).*



Fig. 13 — *Um dos vasilhos campaniformes que ornamentam lateralmente a arrecada de Monsanto da Beira (ampliação ao quintuplo do tamanho natural). Vid. Fig. 1.*

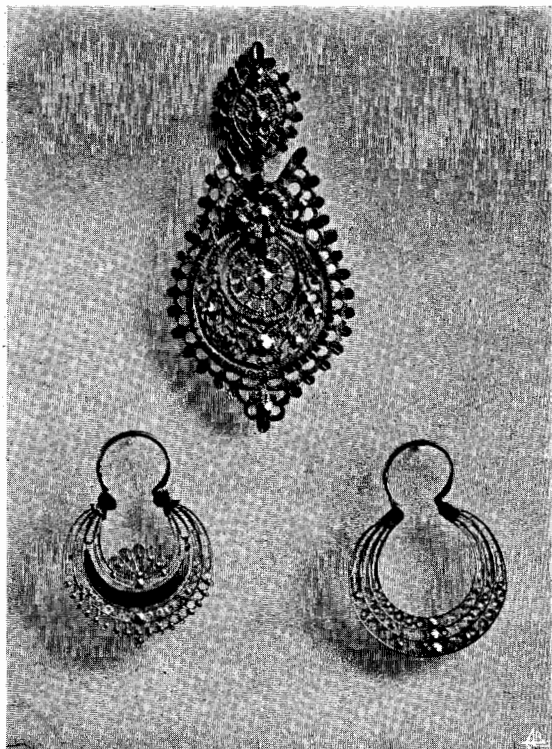


Fig. 14 — Arrecadas de filigrana, produto da indústria actual dos filigraneiros de Travassos (Póvoa de Lanhoso) e de Gondomar (Porto).